

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

**Preços: (com estampilha)**  
Anno, 3,540 réis — Semestre, 1,870 réis —  
Trimestre, 935 réis.

Subscrição-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas — Folha avulsa, 40 réis — Anúncios, 20 réis por linha — Correspondência não franqueada, não será recebida — Artigos mandados a redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

**Preços: (sem estampilha)**  
Anno, 3,000 réis — Semestre, 1,500 réis —  
Trimestre, 800 réis.

NUMERO 120

TERÇA-FEIRA 26 DE AGOSTO DE 1862

SEGUNDO ANNO

## EXPEDIENTE

A administração deste jornal roga aos srs. assignantes, cujas assignaturas findaram em 30 de junho ultimo, e que ainda se acham em divida, se dignem mandar satisfazer seus debitos, ou em vales do correio, ou como melhor lhes convier.

## AVEIRO

### REDUÇÃO DOS BISPADOS

O *Jornal do Porto* desfraldou ao vento da publicidade a bandeira das economias, e começou por apregoar a necessidade de reduzir os bispados. Não levamos a mal ao nosso collega as suas idéas reformadoras, e os seus sonhos economicos, e, sectarios de todas as reduções nas despesas publicas, folgamos de o ver na estacada combatendo, como esforçado campeão que é, os esbanjamentos e as larguezas com que se distribuem os dinheiros do povo, e se malbaratam os modestos recursos deste pequeno paiz.

Sentimos, porem, que escolhesse campo tão safado para plantar a sua bandeira, e começasse por lado tão definido e pobre de seiva a desbastar a arvore frondosa e luxuriante dos encargos publicos. Empunhando o machado reformador, queriamos ver-o atirar direito aos ramos mais viçosos e folhudos, e não se entreter preguiçosamente a aparar, como que a canivete, os miseros rebentos, que em cousa alguma defraudam o tronco, ou lhe prejudicam a vegetação.

Não é certamente novo o assumpto, nem o *Jornal do Porto* o primeiro que delle se occupa. Ha muito que ahi se tem lembrado como medida altamente economica a suppressão de alguns bispados. Nem isto é para admirar. Nesta terra, onde ha sinecuras monstruosas, e nichos impossiveis, só são vistas pelos esmerilhadores do orçamento as pequenas despesas, e as verbas insignificantes, e d'ordinario para reduzir estas, que realmente dão escandalo pela sua miseria, criam-se outras que se tornam credoras da veneração geral, pela sua sumptuosidade.

Este é o trilho vulgar. Vemos com pesar rastrear alguns dos nossos collegas da imprensa que tem alentos para mais, e que mais deviam á consideração que merecem. Entre estes enumeraremos a folha a que alludimos.

A nossa divisão territorial é sobretudo thema para as mais patheticas homelias. Argumenta-se com a pequena extensão do nosso territorio, e o excessivo numero dos circuitos administrativos e ecclesiasticos em que é dividido. Falla-se no «luxo demasiado, e na escandalosa superfluidade dessa divisão.»

Não queremos por certo hobrear com a ingrata tarefa de defender nenhuma das divisões do nosso territorio. Serão, porem, justas todas essas exclamações, não haverá ahi nenhuma exaggeração? Não lucrarão os povos com isso

## FOLHETIM

### OS JESUITAS

EM 1861

Comunidades religiosas  
Associações clericas

POR CARLOS HABENECK.

(Continuação do n.º 119)

### III

Que se foi além das intenções do poder, que elle mesmo foi explorado pelo partido jesuitico, é o que um grande facto veio demonstrar. A nobre e sancta intervenção da França na Italia em 1860 — mostrou qual era o jogo, que fazia o partido jesuita ultramontano. Ah! é que atacar a Austria é atacar o jesuitismo. O imperador Francisco José não é o discipulo do padre Beck, feito geral dos jesuitas por morte do P. Roothan, e não foi em virtude desta influencia que se assignou a concordata de 1855? Em virtude desta concordata os jesuitas e os ultramontanos de todos os paizes tornaram-se protectores natos da Austria, e é por interesse do nosso inimigo que os representantes deste partido procuraram suscitar em nossa patria uma especie d'agitacão surda, que se traduziu em mandados e

mesmo que se appellida monstruoso defeito, inqualificavel absurdo?

Quanto a nós, os vicios principaes da nossa divisão territorial não estão na demasiada extensão, ou no acanhado arredondamento dos districtos, dos bispados, e das comarcas: consistem na sua disparidade. Um districto immenso, ao pé d'um outro apenas administrativo; um bispado composto de alguns pequenos e pobres presbiterios a confrontar com outro populoso, rico, e estirado; comarcas e concelhos onde se dão as mesmas contradicções; — nisto é que nos parece que vac o erro, e grande erro. Nós queriamos, que uma divisão equitativa fizesse desaparecer esta desproporção, e igualasse todos os circuitos da mesma ordem, salvas, bem entendido, as differenças indispensaveis e reclamadas pelas condições especiaes de cada localidade.

Não nos importa que nos digam que em outros paizes ha menos arredondamentos de qualquer natureza comparativamente com a nossa população. Que nos vac n'isso? Ganham porventura os povos em terem os magistrados que os governam mais afastados de si, e estrem por tanto mais distantes da acção da sua auctoridade?

Não comprehendemos as vantagens administrativas ou economicas dos grandes circuitos que distanciam a sede da auctoridade dos povos situados nas extremidades. Podem confundir-nos com exemplos de fóra, (posto que nós tambem poderemos auctorisar a nossa opinião com essa especie de documentos); mas o que não poderão talvez é provar-nos que por isso sejam os povos melhor regidos, e mais facilitadas as suas relações economicas.

Com relação á divisão ecclesiastica, a que principalmente o nosso collega dedicou as suas considerações, figura-se-nos ainda mais desrazoada a opinião annexionista. Quaes são as vantagens dessa tão apregoada e premeditada suppressão dos bispados? Fallam-nos em economias! Pois que economia haverá para o thesouro em supprimir esses bispados que se dizem condemnados pela opinião publica? Qual será a verba que pouparão ao thesouro, qual a economia que realizarão no orçamento do estado?

Fallemos particularmente do Bispado d'Aveiro, visto ser um daquelles, cuja redução se aponta. Este bispado não custa actualmente ao thesouro senão a minguada verba que se paga ao sr. vigario geral. Ha muito que não tem cabido, ou por outra nunca o teve, e conserva-se *sede vacante* ha bom numero d'annos. Toda a economia da suppressão ficaria pois resumida a uns magros trescentos mil réis, se tanto é actualmente o ordenado dos vigarios geraes!

Mas o *Jornal do Porto* que sustenta a necessidade da redução é o proprio que quer que se nomeiem vigarios geraes nas cidades onde forem suprimidas as sées episcopaes. Sustenta até que será «de notoria vantagem» augmentar-lhes as attribuições. A que fica pois reduzida a medida salvadora das nossas finanças?

Ora ouçamos o nosso collega.

protestações. Haveria uma causa mais nobre que a da Italia protestando contra o despotismo estrangeiro, reclamando a sua autonomia? Haveria tambem politica mais nobre que a da França trabalhando na emancipação da pobre opprimida? A politica da França foi tão grande neste momento, que quantos corações generosos ella tem, todos se associaram á grande idéa. O povo esqueceu seus soffrimentos e saudou o chefe do Estado, que partia para a Italia. Os unicos, que protestaram, foram os ultramontanos e os jesuitas: protesto mudo ao principio, mas que se manifestou por um grito de raiva, quando houve questão á cerca dos Romagnes, quando se fez ver a impotencia barbara do governo pontificio.

Comprehendeu-se então que, em quanto a liberdade, promettida como remate do edificio, era para todos moderada por leis pelo menos severas e restrictivas da liberdade d'imprensa, da liberdade d'associação, os senhores jesuitas tinham podido, graças á sua impudencia, illudir a lei. O governo comprehendeu o perigo deste estado de cousas. O *Universo* foi supprimido, as comunidades religiosas e suas usurpações foram objecto d'um notavel relatório de M. Dupin, ao qual se concedeu uma publicidade excepcional. Dizem-se enfim algumas palavras, officiosamente, de verdade, a respeito d'uma famosa sociedade, de que havemos de occupar-nos mais adiante.

Esta especie d'opposiçao em breve tomou mais importancia. Para ir em soccorro das finan-

Diz elle que «supprimidos os bispados, os bispos deviam reservar para si a resolução de pouquissimas questões, ampliando quanto possivel a auctoridade dos vigarios geraes; que lucraria assim o estado algumas economias proveitosas, e não padeceria o menor damno a governação temporal e espirital das dioceses extintas, que muito perto e como ao pé da porta, continuariam a ter em logar dos bispados, os vigarios geraes por elles nomeados.»

Já vê o *Jornal do Porto* que na parte economica se enganou. O estado não lucra um ceutil. Agora quanto a não padecer a governação temporal e espirital dos povos, não menos se enganou. Um vigario geral, quaesquer que sejam as suas attribuições, nunca exerce a sua auctoridade do mesmo modo que um prelado diocesano, com a cathogoria, attribuições, e supremacia da cadeira episcopal. A experiencia o tem demonstrado. Nós temos tido o exemplo em casa, mais somos agora dos que tem menos razão de queixa, porque temos á testa do bispado um ecclesiastico sisudo, instruido e zeloso.

E' pois por isto que ao contrario da folha portuense, nos esforçaremos em pedir que sejam nomeados bispos para as cadeiras que se acham vagas, ao menos para aquellas, onde a sua auctoridade for julgada mais indispensavel. Queremos tambem economias, temos pugnado sempre porque se realizem; somos partidarios de todas as reformas uteis; mas nunca daquellas de que pode resultar maior inconveniente para os povos. Desse modo não comprehendemos a economia. Nem nos parece que o seja arrostar com os inconvenientes da suppressão d'um bispado para poupar no ordenado d'um bispo apenas dois contos de réis, ao passo que tantas vezes ahi se atiram á rua quantias muito superiores nos mais estolidos, inconvenientes, e despreziosos empregos.

A. P.

O *Diario* de 22 publica uma portaria dirigida pelo sr. ministro do reino ao sr. governador civil deste districto, em que se prescrevem as mais convenientes providencias para obstar aos lamentaveis acontecimentos do Braçal.

No numero seguinte nos occuparemos deste documento official.

Abriu-se hontem a sessão ordinaria da junta geral do districto. Proceheu a este acto o sr. Francisco Thomé M. Gomes, na qualidade de conselheiro do districto mais velho.

Figura-se-nos que isto é um caso novo nos annaes da administração publica. O Codigo de civil assumia a governação do districto o conselheiro mais velho. Mas o sr. Bazilio Cabral está funcionando, e portanto dá-se o caso, cremos que inteiramente inedito, de termos ao mesmo tempo dois governadores civis; um em Sever do Vouga, que tracta d'averiguações administrativas, e proclama aos povos, e outro em

ças pontificias, organisou-se o peditorio do dinheiro de São-Pedro, e em breve se quiz crear uma *Archi-confraria de São-Pedro*, cujos membros faziam todos voto de submissão exclusiva ao papa. Assim, pois, entrava em campanha um novo exercito austriaco, munido d'armas espirituas; campanha tão desgraçada no interior como no exterior. Um decreto do ministro dos cultos licenciou o regimento, que se estava formando em Lyão e de que acima fallamos; mas o grosso do exercito subsiste ainda, o estado maior compõe-se das comunidades religiosas e a tropa deriva sua principal força da celebre sociedade de São-Vicente-de-Paula.

### IV

Primeiramente algumas palavras sobre as comunidades religiosas: no seu relatório lido ao Senado a 25 de maio de 1860, M. Dupin exprimiase assim:

«Na epoca presente, ha infinitivamente mais congregações, associações e estabelecimentos religiosos de todas as naturezas e denominações, do que havia sob o antigo regimen... e esta alluviação de congregações move-se com uma liberdade e uma licença d'acção, que a antiga legislatura tinha sabiamente reprimido, em quanto que a legislação actual e a administração ainda não souberam pôr-lhe cõbre algum.

«As associações religiosas, de que tem conhecimento o ministerio dos cultos, são:

Aveiro, que, em nome do Rei, abre as sessões da junta geral!

Consta-nos que na junta fora feito este mesmo reparo por um dos mais intelligentes e auctorizados membros della; no entretanto a illegalidade consummou-se.

Bellezas desta quadra administrativa, que em tudo é excepcional!

A. P.

Não se cansem os inimigos do sr. José Estevão. E inutil quererem disfarçar os miseraveis motivos da sua guerra acintosa e desleal. Tentar eleva-los acima d'essas pequeninas rivalidades locais, a que alludiu o *Diario Mercantil*, vale aos olhos daquelles que nos conhecem bem a todos, e que não ignoram como as cousas se tem passado aqui, o mesmo que protestar que essa guerra tem por origem «a intolerancia e exclusivismo partidarios do nobre orador».

Pertendam embora passar por honestos, independentes e impollutos; não conseguem fazer esquecer o seu passado, nem riscar da memoria do publico que pela suspensão de *vinte cinco mil réis mensaes* de que o sr. Anthero desaffrontou a sua incorruptibilidade lhe moveram toda essa erua opposição, pela qual debutaram na imprensa, e fizeram o seu admiravel tyrocínio de libellistas famosos.

O sr. José Estevão, como esse sr. Anthero, teve primeiro os seus elogios, as suas adorações, os seus servilismos. Foi exaltado até ás nuvens; disseram em seu louvor o que nós nunca dissemos nem havemos de dizer jamais, apesar de já nos haverem chamado mais d'uma vez «servos adscripticios da sua gleba». Ultimamente os elogios trocaram-se em diatribes, os servilismos em insolencias, as adorações em infamias.

Tambem nós diremos agora:

*Sic transeat gloria mundi!*  
Asseguram elles que lá tiveram as suas razões para esta reviravolta. Acreditamos. Não queremos saber quaes ellas fo-se; mas quem pode acreditar que se rezumam a «não quererem ser escravizados por o homem, cujos unicos titulos se limitam a improvisar eloquentemente»? Depois de lhe terem rojado com o pescoco pelas sollas das botas é tardia esta boforada de independencia. Talvez antes derivassem da obediencia a quem lhe concede *tudo* com tanto que o ajudem a deprimir o rival temido, porque não são gente que desempenhe em cousa alguma o primeiro papel. Recebem sempre o santo e a senha. A sua voluntariedade resume-se a escolherem o senhor de quem os não de receber.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Asseguram elles que lá tiveram as suas razões para esta reviravolta. Acreditamos. Não queremos saber quaes ellas fo-se; mas quem pode acreditar que se rezumam a «não quererem ser escravizados por o homem, cujos unicos titulos se limitam a improvisar eloquentemente»? Depois de lhe terem rojado com o pescoco pelas sollas das botas é tardia esta boforada de independencia. Talvez antes derivassem da obediencia a quem lhe concede *tudo* com tanto que o ajudem a deprimir o rival temido, porque não são gente que desempenhe em cousa alguma o primeiro papel. Recebem sempre o santo e a senha. A sua voluntariedade resume-se a escolherem o senhor de quem os não de receber.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Asseguram elles que lá tiveram as suas razões para esta reviravolta. Acreditamos. Não queremos saber quaes ellas fo-se; mas quem pode acreditar que se rezumam a «não quererem ser escravizados por o homem, cujos unicos titulos se limitam a improvisar eloquentemente»? Depois de lhe terem rojado com o pescoco pelas sollas das botas é tardia esta boforada de independencia. Talvez antes derivassem da obediencia a quem lhe concede *tudo* com tanto que o ajudem a deprimir o rival temido, porque não são gente que desempenhe em cousa alguma o primeiro papel. Recebem sempre o santo e a senha. A sua voluntariedade resume-se a escolherem o senhor de quem os não de receber.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Asseguram elles que lá tiveram as suas razões para esta reviravolta. Acreditamos. Não queremos saber quaes ellas fo-se; mas quem pode acreditar que se rezumam a «não quererem ser escravizados por o homem, cujos unicos titulos se limitam a improvisar eloquentemente»? Depois de lhe terem rojado com o pescoco pelas sollas das botas é tardia esta boforada de independencia. Talvez antes derivassem da obediencia a quem lhe concede *tudo* com tanto que o ajudem a deprimir o rival temido, porque não são gente que desempenhe em cousa alguma o primeiro papel. Recebem sempre o santo e a senha. A sua voluntariedade resume-se a escolherem o senhor de quem os não de receber.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Ora pois bem: continuem se lhe apraz, que nem nos incommodam a nós nem conseguem macular a reputação do cavalheiro cujo nome escolheram ultimamente para thema das suas ver-rinas. Liga-lhes elle agora a mesma importancia, que lhes ligava quando era assumpto para as suaslouvaminhas. Como a sua indiferença então foi causa de mudarem de rumo é possível que agora seja casão para que se calem.

Pelo que nos respeita, não se admirem se não lhe respondermos. Não somos da sua opinião: que os factos nada tem com a linguagem que os vestem. Pomos a missão de jornalista muito acima d'essas verrinas descompostas, que se imitam das praças e lupanares, e não queremos nem podemos medir-nos com elles no campo da injúria e da aggressão descortez. O mais que podemos fazer, é passar procuração a qualquer argeiro ou regateiro que por nós lhe responda. Connosco não podem nem devem contar para esse pugilato indecente. Fique também certo d'isso o publico para não estranhar o nosso silencio.

Lê-se no *Jornal do Commercio*:

### Exposição Industrial

«Começamos hoje a traducção de alguns artigos do *Siclé Industriel*, que se publica em Londres, e que tratam dos productos com que Portugal concorreu á exposição n'aquella cidade.

E' uma apreciação vantajosa sobre o estado da nossa industria, feita por uma folha ingleza, com quanto apresente uma idéa rapida sobre qual-quer dos productos, mostra qual é o estado de adiantamento a que têm chegado os diferentes ramos.

Oxalá que os productores aproveitem os conselhos, que, a respeito de alguns artigos, dá o auctor da publicação.

Eis o primeiro artigo:

I

A exposição de Portugal no palacio Kington é um assumpto digno de ser examinado por aquelles, que se occupam diariamente d'esto grande concurso industrial de 1862.

Não pertence exclusivamente ás grandes nações produtoras, e aos veteranos da industria atrair a attenção dos que desejam ter uma verdadeira idéa do que é, e do que pôde valer o trabalho moderno.

Os Estados, que não têm podido marchar na vanguarda da civilização em consequencia das circumstancias especiaes, em que se acham, e das vicissitudes que têm sido obrigados a atravessar, devem também ser considerados, principalmente quando revelam uma decidida tendencia para o progresso pelos esforços, que continuamente fazem, sempre coroados de bom exito.

Portugal, depois de ter conquistado, e arriado no seu solo, á custa de enormes sacrificios, o regimen liberal, entra resolutamente no caminho do progresso industrial. A sua exposição revela eminentemente a verdade d'esta asserção.

O numero dos expositores d'aquelle paiz é muito consideravel, principalmente em relação á producção agricola; em todos os outros ramos de producção, com excepção de um pequeno numero de classes, expõe especimens que demonstram bem que aquelle pequeno paiz não é de maneira alguma extranho á quasi todos os diferentes generos de trabalho moderno.

Na classe mineraes, expõe—uma collecção de mamores magníficos; pedras de construcção; phosphato de cal para os adubos agricollas; anthracite, que deve ser considerada, nas suas circumstancias especiaes, como um precioso combustivel; mineraes de estanho, de chumbo, e principalmente de cobre, cuja exploração tem actualmente tomado proporções notaveis. Entre estes ultimos, todos podem admirar as excellentes malachites do Bembé, na Africa Occidental portugueza, as quaes em nada cedem ás celebres malachites da Russia.

A exposição dos productos agricolas, dos vinhos e conservas alimenticias é seguramente uma das mais notaveis e das que estão melhor preparadas da actual exposição. O gabinete especialmente destinado á exposição dos objectos mandados pelo instituto agricola de Lisboa contém collecções e estudos importantes.

Vê-se ali uma collecção de casulos de seda, das qualidades superiores em Portugal, entre os quaes se observam alguns exemplares do *Bombyx cynthia*, alimentado com as folhas do *ailanto*.

A cultura do bicho de seda tem até agora estado em Portugal livre das enfermidades, que tanto tem affectado e ainda affectam a sericicultura, de maneira que se faz uma grande exportação de semente de bicho de seda para França, principalmente da provincia de Traz-os-Montes.

A collecção de lãs de Portugal, igualmente preparada e estudada pelo instituto agricola, é uma das partes mais notaveis d'esta exposição, e merece ser cuidadosamente examinada.

O mesmo se deve dizer a respeito das collecções de trigos, milhos e vinhos, que se cultivam em todo o reino. Todas estas collecções são acompanhadas de quadros demonstrativos e de rotolos, em que se pôde ver os estudos feitos no instituto agricola de Lisboa sobre estes diferentes productos que constituem a riqueza agricola de Portugal.

Os vinhos portuguezes são de ha muito conhecidos e apreciados em todo o mundo; mas a exposição actual feita por um grande numero de productores dos diferentes pontos do reino, revella pela sua variedade uma faculdade de producção d'este ramo muito superior ao que até agora se suppunha. A variedade dos legumes é prodigiosa; não sendo a sua qualidade em nada inferior á sua excellente apparencia.

As fructas de conserva, e as fructas preparadas, que se vêem na exposição portugueza, seriam dignas do maior elogio, se a apparencia, fosse mais seductora. E' um dos ramos em que Portugal poderia fazer um commercio muito consideravel, se os productores, comprehendendo os seus verdadeiros interesses, tivessem mais cuida-

do quanto á sua limpeza e gosto, na maneira de apresentar ao consumo os seus deliciosos fructos, que tão facilmente se produzem no solo e no bello clima de Portugal.

Quanto aos artigos puramente industriaes é facto averiguado que as manufacturas portuguezas têm feito grandes progressos n'estes ultimos tempos. Portugal expõe tecidos de seda do sr. Cordeiro e do sr. Ramires; tecidos de lã e tecidos mixtos dos srs. Laupias, Egreja e Roland, e das fabricas de Portalegre do sr. Larcher; todos estes artigos são muito notaveis. As teias de linho e outros tecidos da mesma especie da fabrica de Torres Novas, assim como os estampados em algodão dos srs. Anjos, Cunha Miranda e Comp.<sup>o</sup>, merecem distincta consideração, e fazem honra á industria portugueza.

A fabrica de chapéus do sr. Roxo (em Lisboa) nada poderia mandar, que se podesse comparar com o que ha de melhor nos paizes mais adiantados.

As porcelanas das fabricas da Vista Alegre, consideradas unicamente debaixo do ponto da vista de fabrico commercial, nada deixam a desejar; e parecem satisfazer a todas as exigencias de boa industria, sendo excellentes a sua qualidade, e o preço commodissimo.

Os vidros da fabrica Michon devem satisfazer os mais exigentes.

Os tabacos, tanto de fumo, como de pó, principalmente este ultimo, sustentam a reputação adquirida em 1851; continuando á disposição dos anadores.

O instituto industrial de Lisboa e a imprensa nacional, ambos estabelecimentos do governo, apresentam objectos dignos de mais serio exame. O primeiro expõe instrumentos de precisão, e uma pendula electrica; e o segundo especimen de obras de impressão feitas nas suas officinas, entre as quaes se podem admirar algumas da mais correcta execução.

O que acabamos de referir é o resultado de um rapido exame; desta maneira tornava-se-nos impossivel entrar nos diversos detalhes, o que será assumpto de um estudo mais desenvolvido; queremos assim mostrar aos nossos leitores, que a exposição de Portugal, por mais modesta que seja, offerece-nos a idéa de que a liberdade nas instituições politicas é sempre acompanhada do desenvolvimento progressivo de todos os elementos, que podem conduzir a nossa especie á perfeita civilização. (Le *Siclé Industriel*.)

### CHRONICA DISTRICTAL

Concelho de Oliveira do Bairro 17 de agosto de 1862.

(Do nosso correspondente.)

Quando foi eleito por esta comarca, quando o governo escolheu, e não o povo, o nome do sr. Seabra para promover os seus interesses; quando o entusiasmo e as gargalhadas echoaram nas salas dos seus adeptos, quem diria que o nobre deputado, que symbolisava uma aureola diáfina, lançaria no cadoz do olvido estes fervidos desejos, em que se deliciavam estes povos? Quando da bocca de seus amigos sahia o *te deum* pela salvação da comarca; quando dentro os seus apostolos se levantava a antiphona «ave rex», quem diria que um tal abandono viria atrellar esta comarca ao carro da abnegação? São os factos que o dizem. A indifferença que s. ex.<sup>a</sup> sempre tem mostrado para com esta terra diz de sobejo que a amizade, que os povos lhe consagram, não é muita, ou nenhuma aquella que s. ex.<sup>a</sup> lhes tem.

A estrada do Fundão era a mira dos povos e o unico objecto que, lhes requestava a imaginação. Diz-se por ali que se de dirigirão ao sr. Seabra, como seu representante, com assignaturas de todos aquelles, que foram á urna prestar-lhe o seu voto. Houve até quem dissesse, com o papel em punho, que s. ex.<sup>a</sup> mandava ir com brevidade a representação; mas d'stas folias demos logo uma risada. O certo é que a estrada está na mesma, ou peor, e os amigos do sr. Seabra, vendo baldados os seus esforços, mettem o dedo na bocca, como as crianças de dois annos, sem poderem explicar o silencio de s. ex.<sup>a</sup> E como o espicarem-nos? Tornando a culpa ás poucas assignaturas talvez da representação. Doutra maneira iriamos contra o melindre de s. ex.<sup>a</sup>, e ficaria desapontado, mais do que está com esta gente, que diz á *bocca cheia* «escusamos de esperar».

Desenganem-se por uma vez. O sr. Seabra deseja muito as suas commodidades, como todos nós, e não quer talvez incomodar-se com quem para o futuro lhe negaria todos os votos que fosse possivel.

E confessando nós francamente a verdade, se o sr. Seabra tivesse quem lhe disputasse a urna, é de creer que jámais sahira deputado. Pode agradecer a estes povos *tão grande fineza*; a razão mostram-na nos melhoramentos, que s. ex.<sup>a</sup> tem alcançado para esta comarca.

E os vinhos? Tivemos o sr. Cancellia, esse deputado popular, esse cavalheiro, que em tão pouco tempo mostrou o nobre desejo, que o alimentava, esse homem de sympathias não equivoacas, que se lembrou da franquia dos nossos vinhos pela barra do Porto. E o sr. Seabra que fez? O que todos sabem. Occupou-se em fechar a sessão, e abrir a sessão. O mais deixou correr á mercê dos ventos. Nós tudo desculpamos, por que as irmãs de caridade embrulhavam o pensamento de todos ou quasi todos os paes da patria.

E os substitutos ao juiz de direito da comarca? Deixamos estas miserias.

Pois bem: essas sympathias, que s. ex.<sup>a</sup> mostrou pela vida monastica, terminaram, e agora es-

peramos que para a nova sessão s. ex.<sup>a</sup> desenrole uma pontuda nesga de sua eloquencia a favor da estrada do Fundão.

A preposito de estradas. Falla-se, em que a estrada do Boco, que deve ligar-se á outra já feita de Coimbra a Aveiro, toma a direcção de Mogofores.

E' justa esta medida, porque muitos são os povos, que aproveitam. Mas já nos soou aos ouvidos, que nas alturas do Troviscal e Manarrosa ha quem pretenda desviar-a da sua devida direcção para atravessar certos pinhaes e ribeiros com a mira no *lambedinê* das expropriações. São bons propugnadores dos interesses dos povos, salva a sua especulação!

Nada se sabe ainda dos trabalhos das commissões para a redução de freguezias. Os affazeres são de monta, e d'aqui a um anno talvez ainda se achem no primitivo estado. Bom era, que se desse impulso a esta reforma tão necessaria, quanto a reclama a utilidade dos povos, e do justo progresso.

Ainda Portugal de pernas para o ar! Que mal fará o sr. José Estevam a *certa gente*, que tanto lhe dá que pensar? Que mal fará essa politica a que chamam «naçonicos» para incorrer em tantos anathemas? Ha escrevinhadores d'agoa doce, que, para não estarem ociosos, repetem mil vezes a mesma cousa, não se lembrando, que os seus dizeres são o antidoto da hypocondria. Ha escrevinhadores, que arrogando a si certa preponderancia, pertendem ultrapassar os astros, deixando um rasto luminoso como o cometa de Halley; e mirando então com o grande nucleo o plano da sua orbita, dizer cheios d'ufania — metti uma lança em Africa! — Bravo! Era o conselho do nosso Binge, quando dizia:

Pois quem quer alcançar louro glorioso

Só no disco do sol é que descança.

Pois bem: o sr. José Estevam fica muito alem dessas chocarrias fastidiosas, porque o seu cavalheirismo só dá defeza, quando as arguições partem da sensatez.

\*\*\*

### PARTE OFFICIAL

#### Ministerio dos negocios do reino

Exercendo as attribuições, que me confere a Carta Constitucional da Monarchia, artigo 74.<sup>o</sup>, § 2.<sup>o</sup>, e tendo ouvido o conselho de estado, nos termos do artigo 110.<sup>o</sup> da mesma Carta: hei por bem convocar extraordinariamente as côrtes geraes da nação portugueza para se abrirem no dia 4 do proximo mez de setembro, a fim de lhes ser presente o contracto do meu casamento com S. A. R. a serenissima princeza D. Maria de Saboya, filha de S. M. el-rei de Italia, Victor Manuel II, assignado em 9 do corrente mez de agosto pelos respectivos plenipotenciarios na corte de Turin.

O ministro e secretario de estado dos negocios do reino o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Paço d'Ajuda, em 20 de agosto de 1862. — Rei. — Anselmo José Braamcamp.

(D. de Lisboa de 21 de agosto.)

#### Ministerio dos negocios da fazenda

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei do Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.<sup>o</sup> E' o governo auctorisado a prorogar até 31 de dezembro de 1863 os prazos estabelecidos no artigo 8.<sup>o</sup> e seus §§ da Carta de Lei de 29 de julho de 1854 para a troca e giro das moedas de ouro e prata, mandadas retirar da circulação pela mesma lei.

Art. 2.<sup>o</sup> E' igualmente auctorisado o governo para mandar cunhar, durante o prazo estabelecido no artigo 1.<sup>o</sup> desta lei, até á quantia de rs. 200:000\$000 em moedas de prata, conforme julgar mais conveniente.

Art. 3.<sup>o</sup> E' também renovado até 31 de dezembro de 1863 o beneficio concedido aos particulares, bancos e associações pelo artigo 2.<sup>o</sup> da lei de 24 de abril de 1856.

Art. 3.<sup>o</sup> Fica revogada a legislação em contrario. Mandamos por tanto etc. — Dada no paço da Ajuda, aos 8 de julho de 1862. — El-rei, com rubrica e guarda. — Joaquim Thomas Lobo de Avila. — Logar do sello grande das armas reaes. Carta de Lei etc.

### EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem extrahimos os seguintes telegrammas:

Turin 15.—A «Gazeta Official» desmente qua a esquadra italiana haja pedido em pesquins afixados em Palermo «Roma ou a morte». A tropa é fiel ao rei e a disciplina inalteravel. Segundo o mesmo periodico, as medidas tomadas pela auctoridade fizeram abortar a demonstração preparada com o motivo de festas populares.

Turin 15.—Houve uma demonstração popular dando gritos «Viva Garibaldi! Quereamos Roma! Dissipou-se á intimação da auctoridade.

Napoles 15.—Houve uma demonstração do povo nesta tarde dando «viva Garibaldi!» Havia varias bandeiras nas janellas. As tropas foram acolhidas com os gritos «viva o exercito!» Pela noite se alterou a tranquillidade publica.

Roma 15.—Verificou-se a benção papal em Santa Maria Maior. Sua Santidade foi aclamado. Socego completo.

Palermo 15.—O general Ricotti, chefe militar da Sicilia, chegou a Caltanissetta com um corpo de tropas.

Varsovia 15.—Os debates da causa de J. J. Roszowski autor da tentativa de assassinato contra a gran-duque Constantino, duraram desde as 9 horas da manhã até ás 8 da noite. Foi condemnado a ser fuzilado. A sentença foi submettida á confirmação do imperador.

Ragusa 15.—Os embrixadores da Russia e França solicitaram um armisticio em Montenegro.

Os turcos hão-se retirado a Gabijat.

Cadiz, 15.—Chegou o correio das Canarias. As noticias de Tenerife são de 8 e reinava tranquillidade naquellas ilhas. Em 5 havia chegado o navio «Turenne» conduzindo os generaes Forey e Mirandele e 800 homens. O general Forey desembarcou, visitou o general das ilhas e marchou a 7. Alguns navios francezes tinham chegado áquelle ponto com direcção ao Mexico. A 6 chegou o vapor «Santo Antonio», procedente de Fernando Pó e havia tido alguns mortos, na travessia. Reinava em Fernando Pó a febre amarella. O vapor permaneceu incommunicavel e tencionava sair para Vigo. A 23 chegou a Tenerife o vapor correio das Antilhas «Paris» continuando sua viagem para Havana. O sr. Jimenez Cuema encontrou-se nas ilhas.

Paris, 16.—Celebrou-se sem occurrencia a festa do imperador.

Napoles, 15.—A municipalidade desta cidade adheriu á proclamação de Victor Manuel.

O general Lumarmora publicou uma proclamação, em que exhorta o povo a que se abstenha de demonstração offensiva.

Roma, 15.—A festa de hoje celebrou-se com a maior tranquillidade.

Santo Ildefonso, 16.—E' falso, o rumor de ter sido chamado o sr. marquez de Havana, embaixador de Hespanha, em Paris.

Vigo, 15.—Chegou o vapor correio, «Ilha de Cuba», com noticias de Havana que alcançam até 30 de julho.

Em toda a ilha se gosava sendo e socego. As noticias do Mexico, continuam sem nada de importancia.

Os Estados-Unidos dão conta de novas derrotas soffridas pelos federaes.

Paris, 16.—Houve uma manifestação garibaldina em Napoles e Milão. Garibaldi está em Pirro.

Varsovia, 15.—O assassino do principe Constantino foi sentenciado á morte. Uma nova tentativa de assassinato contra Vielopolski foi frustrada.

Londres, 16.—Ha noticias de Nova-York até 7.

Não tem occorrido nenhum novo combate. Os federaes levantaram o stio de Wielzburgo.

Londres, 17.—Não se confirma a evacuação de Richmond. O governador de Rhode Silaude ha levantado regimentos de negros.

Mac-Clellan teve um reconhecimento a 10 milhas de Richmond.

Porto de Santa Maria, 16.—Hoje de tarde occorrem algumas desordens na praça de touros em consequencia de sortes de picador. O alcaide que presidia cedeu ás instancias do povo pelo muito alarme em que estavam. A tropa portou-se admiravelmente. Não occorreu desgraça alguma e se restabeleceu a ordem, e os agitadores foram presos. A tranquillidade ficou restabelecida.

Paris, 18.—As correspondencias de Sicilia annunciam que toda a ilha é favoravel a Garibaldi.

A situação da Syria é grave. Enviaram-se tropas a Nauran contra os druzos. Os beduinos revolucionaram-se.

Londres, 18.—As ultimas noticias de New-York dão conta de um combate insignificante.

Cre-se que os confederados atacaram de prompto. Os federaes evacuarão Corinth.

Turin, 18.—De Palermo dizem que Garibaldi se acha nas cercanias de Pierra. As tropas o seguem a meia jornada de distancia, e em numero muito superior.

Os amigos de Garibaldi aconselham-no a que deixe a sua empreza.

Napoles, 17.—Diz-se que Garibaldi passou estreito de Messina, e desembarcaram nas Calabrias; porém os orgãos do governo tem procurado desmentir estas noticias.

Paris, 17.—Ha activas communicações entre os governos de Turin e Paris. As reclamações deste são para que se obste a que obre Garibaldi, e o governo de Turin pede ao governo francez alguma medida que contente o partido em acção.

Turin, 18.—O governo dissolveu a sociedade Emancipação.

Não se dão noticias de Garibaldi.

Os orgãos ministeriaes publicam que esta tranquilla a Sicilia.

Paris, 18.—O governo das Tulherias felicitou o de Turin, pela energia que ha empregado contra os agitadores.

N'uma correspondencia de Liorne, datada de 7 do corrente, lê-se o seguinte:

«Hontem á noite o «Evenement» barco da companhia Valery, francez, vindo de Palermo, transportou para Liorne cincoenta voluntarios. Estes, sendo obrigados a ficar a bordo, começaram dando provas de pouca disciplina. Em Palermo alguns mesmos dentre elles se lançaram á agua, a fim de poderem ganhar terra sem embargo das ordens formaes da auctoridade. Outros em Liorne também desembarcaram pela auctorisação da policia. Quando os agentes foram a bordo já não acharam passageiro algum. De manhã foram presos alguns voluntarios.

Hoje affixou-se a ordem do dia dirigida por Garibaldi aos seus voluntarios. Este documento

é dotado de Ficuzza, e chegaram a Lione muitos exemplares enviados pela comissão da sociedade emancipadora de Genova. A policia mandava-os rasgar á proporção que iam sendo affixados, operação esta que durou até ás quatro horas da tarde. Como os guardas de segurança não eram em numero sufficiente para evitarem que o povo se reunisse e se occupasse da proclamação, occorreu-se aos bersaglieri. Foi necessario fazer respeitar pela força a vontade do governo. Alguns homens do povo chegaram a ameaçar os soldados, dizendo que se repetiria a carnificina das «Vesperas Sicilianas».

A noite correu o boato de que haveria uma grande demonstração, e que o povo percorreria as ruas da cidade com o busto de Garibaldi. Ou por este motivo, ou por se terem recebido más noticias da Sicilia, a guarda nacional reuniu, e a tropa de linha occupou o palacio real. A guarda nacional conservou-se em armas na praça da Voltona, denominada agora praça de Carlos Alberto, até alta noite. Patrulhas de gendarmes e de «bersaglieri» percuraram sempre a cidade. As guardas foram reforçadas, sendo duplicado o numero desentinellas. Estas providencias, adoptadas e executadas com promptidão, evitaram a demonstração projectada. A praça e as ruas estavam cheias de curiosos, que á meia noite começaram a recolher a suas casas.

No entanto a maioria da população e a guarda nacional estão completamente a favor do governo, e approvam todas as providencias, que elle adopta com o fim de se evitarem desordens.

Todos parecem comprehender a inopportunidade do modo de proceder de Garibaldi, e ha ainda a esperanza de que, desistindo das suas empresas temerarias, elle não comprometta a Italia.

Nas costas reina a maior vigilancia. («La Patrie»).

O commandante geral da guarda nacional de Leorne publicou a seguinte ordem do dia:

«O cavalheiro Farina, prefeito de Leorne, dirigiu ao commandante da guarda nacional a seguinte mensagem, que o abaixo assignado tem a satisfação de levar ao conhecimento da guarda nacional, que tem a honra de commandar.

«Do commandante da guarda nacional, 8 de agosto de 1862.

Pelo coronel commandante.

Frederico Castelli, major.

«Officiaes, officiaes inferiores, cabos de esquadra e milicianos da guarda nacional de Lione.

«A resistencia opposta por um punhado de imprudentes á execução das ordens da auctoridade legitima, no dia de hontem, as ameaças proferidas por alguns d'elles, a agitação de um partido tão temerario como pouco numeroso, e o boato de uma demonstração provavel, levaram-me a chamar-vos ás armas.

«A promptidão e o zelo, com que tendes concorrido numerosos ao chamamento, a espontaneidade, com que, em vez de vos retirardes quando para isso vos foi dada a faculdade, tendes querido, divididos em destacamentos, percorrer a cidade até uma hora avançada da noite; as palavras calorosas de affecto para com o rei e para com a patria, que os vossos officiaes proferiram na minha presença, tudo foi para mim uma prova evidente de que me não haveis enganado, ponde em vós a mais illimitada confiança, e de que, se chegar o dia do perigo, encontrarei na vossa attitude conciliadora, mas firme e energica no caso de necessidade, o mais efficaz apoio para manter no paiz a ordem e o respeito ás leis, e para o bem inseparavel do rei e da patria.

«Quem não sabe ser senhor de si, não pôde inspirar confiança a qualquer outro. A Italia, que apenas acaba de tomar o seu lugar entre as grandes potencias, precisa pôr por algum tempo um freio nas impaciencias excessivas, afim de se mostrar digna de chegar ao cumprimento da sua unidade e da sua independencia, que está escripto no coração de todos os seus filhos, e que ninguém lhe poderá recusar.

«Officiaes, officiaes inferiores, cabos de esquadra e milicianos da guarda nacional de Leorne.

«O paiz pôde, no mesmo dia estabelecer uma comparação entre o vosso patriotismo d'um lado, e as tentativas mesquinhas de uns poucos de perturbadores do outro.

«O governo, expressando a sua maior satisfação pela vossa conducta de hontem, tem a certeza de que a vossa cooperação de futuro nas vicissitudes possiveis, que a Providencia nos reserva, lhe dará o direito de vos declarar merecedores da patria.

Viva o rei! viva a Italia!

«Da prefeitura de Leorne, 8 de agosto de 1862.

O prefeito, Farina.

## NOTICIARIO

**Acontecimentos do Braçal** — Continuam as diligencias da auctoridade administrativa para descobrir os incitadores e cabeças de motim do attentado contra as minas do Braçal. Consta-nos que já se acha pronunciado grande numero de individuos, apesar das difficuldades que tem havido em colligir as provas indispensaveis para o processo. Uns por medo, outros por connivencia, recusam-se a jurar, sempre que a isso podem esquivar-se sem comprometimento proprio.

Para lá está ainda o sr. governador civil, e os empregados que o acompanharam. Oxalá que s. ex.<sup>a</sup> seja agora mais diligente em castigar do

que foi em prevenir, porque, em boa verdade, se ali estivesse á frente d'esse governo civil, um homem d'alguma energia, podia-se a tempo ter evitado o mal, que nem foi previsto nem era impossivel de prevenir.

Mas o sr. Bazilio não tem a bossa administrativa, nem nós o culpamos por isso. E' uma excellente pessoa que serve para tudo menos para governar um districto. Culpado é só quem lhe contraria a vocação.

Diz-se que vai ser nomeado para Sever um administrador militar. Não nos parece desacertado. Recommendamos, porém, a maior discipção na escolha. Poucos são os militares que provam bem na carreira administrativa. E' necessario não fugir d'um mal para cair n'outro talvez peor.

Por em quanto os presos recolhidos na cadeia desta cidade, e implicados no attentado do dia 15 são os seguintes:

Padre Manoel Dias Cabral Osorio, José Antonio Gradim, da Villa Fria, Manoel dos Santos, de Castellões, José Fernandes d'Oliveira Campos, do concelho de Cambra.

Alem destes dizem-nos de Sever que se tracta de capturar alguns que andam foragidos, e que já se acham culpados. Entre estes um ecclesiastico que andou a cavallo capitaneando as turbas, e incitando o povo a destruirem as minas. Este é o tal padre Cabral, que já se acha preso, e que subio ao pulpito para animar a população á carnificina e á destruição, parece serem os que por em quanto se acham mais comprometidos.

Magôa nos ver a missão sacerdotal manchada pelos crimes d'alguns indignos membros d'essa classe respeitavel. Mas é desgraça que em todas as revoltas, em todos os barulhos, em todas as desordens ha de sempre figurar um padre. E' isto o que faz maior mal á religião, e é preciso que todos que são verdadeiramente catholicos, e não querem a religião para instrumento de fins mundanos, se congregem para fazer cessar por uma vez.

O destacamento que estava estacionado nesta cidade, ainda não recolhen.

**Bibliotheca.** — Vem ali a bordo do hiate *Razoilo* 28 caixões com livros que da Imprensa Nacional são remetidos para a bibliotheca do lyceu. Ha muito que desejavamos, que a nossa terra fosse dotada com um estabelecimento desta natureza. E' mais um serviço devido á infatigavel protecção do sr. J. Estevão.

Para activar a remessa dos livros, muito concorreu tambem o nosso amigo o sr. M. A. Loureiro de Mesquita.

**Ora ainda bem!** — Fizeram-nos em fim a vontade. Obraram uma vez lealmente. Deixaram-se de farelorios, e vieram ao caso em questão. Foi tarde, mas bem.

Transcreveram a nossa pergunta, e responderam-lhe com o texto do *Diario de Lisboa*. Acabaram assim as intepretrações forçadas. Agora quem quizer, pode enganar-se por si.

Estamos satisfeitos.

**Theatro.** — Tivemos no domingo um espectáculo composto apenas de *vaudivilles*, e no genero do gymnasio. Foi variado, mas pouco substancial. No entretanto o publico rio, e applaudiu com prazer, porque gosta de comidas que lhe não pesem muito no estomago. E-tá affeito áquellas ligeiras iguarias que ás vezes lhe prodigalissim ali pelos arraiaes e romarias.

O par de mortes ou a vida d'um par, callembourg pelo sr. Duarte Sá, foi o que menos agradou, e segundo as disposições da plateia era a unica imprópria para isso.

Hoje temos nova récita, que vae annunciada no lugar do costume.

**Sal.** — Tem sido este anno escassa a safra do sal das marinhas desta cidade. Os continos nevoeiros tem prejudicado a salga, e talvez, sem faltar á verdade, se possa dizer, que se não realilou ainda metade da producção ordinaria.

Os marnotos, a quem não descontenta a escassez, porque lucram o mesmo com menos trabalho, tem estes dias subido o preço ao sal, que já nos consta ter-se vendido a 45000 rs. o moio de razas.

**Obra municipal.** — Asseguram nos que a camara municipal de Ilhavo está procedendo a uma obra de grande utilidade para os povos daquelle municipio: é o aterramento da rua da Fontoura e Barroca por onde a villa communica com o Casal, e ha grande transitio dos povos do concelho, e mesmo dos de Vagos e Sôsa.

O orçamento para o empedramento e obras d'arte foi já remetido para o conselho de districto, ao qual é de crer que não seja apresentado tão cedo pelas delongas e má vontade que ha sempre em apresentar documentos de similhante procedencia para receberem á aprovação d'aquele corpo.

A camara cumpre, porém, com o seu dever, manifestando desejos de satisfazer as reclamações do interesse publico: agora compete a outros secundar as suas intenções, não deixando que passe de balde esta quadra mais propicia para a realisação d'aquele melhoramento.

**Proclamação** — O sr. governador civil dirigiu aos povos do districto a seguinte:

*Habitantes do districto de Aveiro!*

Acho-me em Sever do Vouga, onde repentinamente me chamou um penozo dever do meu cargo, contrario á minha indole, e em certo modo á da minha auctoridade paternal e benefica. Busco indicios, e provas de um attentado inaudito, só proprio de canibaes, para entregar seus auctores e cumplices á acção da justiça.

Um bando de malvados agitadores exploran-

do a credulidade, e errada persuasão do povo rude, que se obstina em attribuir o mal das vinhas ao fumo, e exhalção dos fornos de fundição estabelecidos junto ás minas do Braçal, tentaram no dia 15 do corrente realizar os seus criminosos intentos, que haviam abortado na primavera por effeito de medidas preventivas; e associando a si em um grande arraial d'aquele dia no proximo concelho de Cambra muita gente, por vontade ou violentamente, se dirigiram armados uns, e outros sem armas ás proximidades das ditas minas, incendiaram a da Malhada, e a caza do val do Braçal, pozeram o fogo ás matas, e pinhas, em roda, deste grande estabelecimento; roubaram ou assolaram tudo o que acharam desguarnecido, e levariam a devastação, e a morte á parte principal do estabelecimento, onde se achava concentrado o concessionario com a sua gente e 25 praças de infantaria n.º 18 de baixo do commando de um alferes, se este punhado de valentes soldados, auxiliados pelos empregados, e operarios, não repelisses os invasores com vigor, e a fogo, que durou por tres horas, ficando mortos e feridos alguns populares, e dispersando, e fugindo os outros.

Taes atrocidades sem o menor pretexto, e só por uma illuzão, excitando a publica execração cobrem de opprobrio os seus perpetradores e de vergonha o paiz, a que pertencem.

Para prevenir a sua repetição ordeno aos srs. administradores de concelho, meus subordinados, e convido todas as auctoridades e as pessoas illustradas do districto, e de fóra d'elle, especialmente do de Vizeu (onde infelizmente reina a mesma abusão) e a imprensa periodica, a que procurem desilludir os povos d'aqueella falsa idea, demonstrando-lhes que o mal das vinhas, e d'outras producções apparece em toda a parte, onde as ha, e não é molestia nova n'este reino, pois não faltam nos archivos publicos monumentos, dos quaes consta ter esta molestia existido, com a denominação de cinzeiro em tempos muito remotos, quando ainda não havia estabelecimentos industriaes d'aqueella ordem.

Aos illudidos, e incautos, recommendo no seu proprio interesse e no da causa publica, que resistam d'uma vez para sempre ás suggestões dos agitadores, e se deixem estar pacificos nas suas casas, não façam tumultos, e respeitem a propriedade d'um estabelecimento de tanta utilidade publica, levantado ha vinte annos, e levado á custa de grandes sacrificios do concessionario ao grau d'engrandecimento em que se acha; não concorrendo directa ou indirectamente para a perda dos avultados cabedex n'elle empregados, nem pondo em risco a sustentação de muitos operarios, e familias, que ali se mantem pelo producto do seu trabalho. E a todos asseguro, que assim como serei sollicito e prompto em attender as suas justas queixas, tambem serei inexoravel e severo para com os amotinadores, sustentarei a todo o custo a ordem publica, e velarei pela conservação, e segurança das minas do Braçal, e de todos os estabelecimentos do districto que, como aquelle, estão ao abrigo da lei. Dada em Sever do Vouga aos 19 d'agosto de 1862.

O governador civil.

*Bazilio Cabral Teixeira de Queiroz Junior.*

**Aos arrematantes de bens ecclesiasticos.** — Pelo ministerio da fazenda foi expedida a seguinte portaria ao conselheiro director dos proprios nacionaes:

«Sendo presente a S. M. El-Rei que alguns arrematantes de bens de corporações ecclesiasticas, vendidos em conformidade da lei de 4 de abril de 1861, pretendem ter direito ás rendas não vencidas ao tempo da sua arrematação; e conformando-se o mesmo augusto senhor com as opiniões dos conselheiros procurador geral da fazenda e seu primeiro ajudante; ha por bem resolver pela direcção geral dos proprios nacionaes:

1.º Que nos bens de que se trata, que, estando arrendados, tiverem sido ou continuarem a ser vendidos sem alguma declaração a respeito das rendas, sejam de que natureza forem, se devem estas dividir «pro rata temporis» entre o comprador e o vendedor, pertencendo a este a parte dellas correspondente ao periodo do anno decorrido até ao dia do pagamento do preço, e áquelle a restante;

2.º Que não se achando arrendadas, mas cultivadas por conta das respectivas corporações religiosas, só pertencem ao arrematante os fructos pendentes, e nenhuns outros;

2.º Que desta fórma se procederá sempre em as arrematações que se não annunciarem e fizerem com declaração em sentido differente, por isso que o contrario causaria grave prejuizo ás corporações religiosas a quem os bens pertencem;

4.º Finalmente que, se os arrematantes se julgarem lesados por não receberem por inteiro as rendas do anno ou do semestre que lhes não compete, devem quanto ao excesso recorrer aos meios judiciaes e tribunales competentes.

O que manda participar para os fins convenientes ao conselheiro director geral dos proprios nacionaes.

Paço, em 19 de agosto de 1862 — Joaquim Thomaz Lobo d'Avila.»

**Revista Contemporanea.** — Recebemos o n.º 4 do 4.º anno do interessante jornal a — Revista Contemporanea de Portugal e Brasil.

Contém: Uma excellente apreciação do caracter e qualidades estadisticas de José Xavier Mousinho da Silveira, por Rebello da Silva.

Um ligeiro conto historico do sr. Bernardino Pinheiro, que revella estudo da historia e conhecimento da epocha de D. João II, tão pouco

aprovitada pelos romancistas, e tão fertil em episodios interessantes.

«Poetas e prosadores», por Camillo Castello Branco, carta a Ernesto Biester, em que se apreciam benevolamente os versos de Pinto Ribeiro.

E chronica litteraria, por Ernesto Biester, na qual o chronista expõe algumas impressões produzidas pela leitura do poema de Thomaz Ribeiro, e pela conversação preambular com quem procedeu o nosso enfiante poeta lyrico Antonio Feliciano de Castilho.

Os dois numeros seguintes serão adornados o 1.º com o retrato e biographia do sr. infante D. João de saudosa memoria, e o 2.º com o de Manuel da Silva Passos.

**Desies ha muitos!** — Copiamos do nosso collega o *Jornal do Commercio* de Lisboa, a seguinte interessante noticia:

«*Sacerdotes incorrigiveis.* — Os padres reaccionistas, fanaticos e incorrigiveis, continuam a esquecer o elevado caracter da sua missão, toda de paz e caridade, para escutarem a voz das mais ruins paixões e fazerem se instrumentos passivos de um partido politico obnoxio ao paiz.

Das Caldas da Rainha, um dos nossos correspondentes conta-nos um episodio, que seria muito para rir, se, infelizmente, não revelasse mais uma vez a incorrigibilidade, o fanatismo, e a ignorancia crassa, de alguns padres devassos e immoraes, que especulam com a religião para embrutecer e desviar os povos, que não os estudam e comprehendem.

O parochia da freguezia de Sellir de Mattos estando no dia 27 do mez passado na sacristia da sua igreja, acompanhado por muita gente e por mais dois dos seus collegas, antes de começar uma festividade religiosa que ali houve, levantou a voz e expressou-se nestes termos:

«Antão casa-xe o novo rei! E com quem abai caxar? Com a filha de um perberxo, de um «prexeguidor da xanta relixião! Com a filha de um rei falto de relixião, que até foi excommungado pelo padre xanto! etc. etc.»

O nosso correspondente, referindo-nos este bello exordio do eloquente discurso do reverendo padre, garante-nos e responde pela veracidade das expressões que esse padre, soltou na sacristia da sua igreja e diante de numero auditorio. — Nós, transcrevendo aquelle exordio, perfeitamente brutal e reaccionista, limitar-nos-hemos a chamar a attenção do sr. ministro da justiça para mais esta miseria clerical.

E' preciso mostrar, e mostrar severamente áquelle miserio cura d'almas, que a *xanta relixião* impõe-lhe deveres sagrados, que elle esquece e não sabe respeitar. Mostre-se-lhe isso de maneira que elle o perceba, e perceba bem, para que depois não venha ainda dizer que o não sabia.»

**Noticias agricolas.** — (Do *J. da Sociedade Agricola do Porto*). «As noticias das colheitas são em geral más. A' excepção do azeite, se der-mos credito ao que se lê nos jornaes, teremos um anno magro, e de provação para os agricultores. Os trigos e os centeios provam mal; os milhos n'umas partes são destruidos pelo bicho, e em outras foram queimados pelo sol; as batatas foram atocadas pela molestia com bastante intensidade; e as vinhas, alem do oidium, foram tambem damnificadas pelo excessivo calor a ponto de se queimarem as uvas sobre grande extensão. A' vista d'isto o anno não pode deixar de ser falho de cereaes, e de vinho, isto é, dos dois principaes productos da nossa agricultura.

«O preço dos grãos, que na occasião da colheita costuma ser sempre mais baixo, tem subido por toda a parte extraordinariamente, a ponto de se levantarem justos clamores da parte dos consumidores. O governo, como já se disse na revista anterior, consultou as sociedades agricolas sobre a necessidade da importação de cereaes estrangeiros, e hoje que a opinião das sociedades já é conhecida, pode dizer-se que todas, com raras excepções, votaram que havia necessidade de importação, por isso que a apreciação das colheitas fazia recear um anno de fome. A Sociedade Agricola do Porto, votou não só pela admisión dos grãos, mas pela das firinhas, e das informações que foram presentes na sessão, conheceu-se que os depositos de milho no Minho estavam quasi exhaustos, em consequencia da Galliza ter vindo comprar a Portugal muitos milhares de alqueires d'este cereal.»

**O alcatrão e os vegetaes.** — (Do mesmo). «Parece que para as molestias dos vegetaes e dos animaes, como para aquellas que atacam o homem, ha remedios que estão na moda, que tem grande voga, cujos bons effectos se apregoam, e que depois caem no esquecimento para dar lugar a outros que obtem o mesmo successo.

«Para os vegetaes está agora elevado á altura de panacea o alcatrão do gaz. Já na antecedente revista demos o alcatrão como meio curativo dos bichos de seda; agora indicaremos mais duas applicações deste agente: uma contra os insectos destructores da vinha, e outra para prevenir a molestia das batatas.

«O sr. Paulo Thenard, diz o sr. Figuiet no *Anno scientifico*, indicou em uma sessão da Sociedade de aclimação um novo meio de destruir a *altiza*, este insecto terrivel que ataca as plantas da familia das cruciferas, e nomeadamente as colzas, as couves, e os nabos, e que destrõe muitas vezes inteiramente as novas plantações. O sr. Thenard fez uso do alcatrão do gaz misturado com a serradura de madeira na proporção de 2 para 100. Mil kilogrammas desta mistura por hecetar fazem desaparecer o insecto, que sem duvida é morto por isso não foge para os campos visinhos. A efficacia desta substancia está demonstrada por cinco annos de experiencias.

«Os vinhedos de Borgonha e do meio dia de França sendo destruidos, á maneira das cursiferas do norte, pela temivel aliza, seria occasião de ensaiar o emprego do alcatrião contra estes insectos, que com grandes despesas, são caçados á mão. Como o alcatrião do gaz é uma substancia quasi sem valor, a agricultura poderia, quasi de graça, fazer a experiencia.»

**Quem fuma não é creança.** — Hoje, diz a *Revolução* de 21, houve na praça de Paço de Arcos um caso, que deu vontade de rir a quem o presenciou.

Apresentou-se a solicitar um bilhete um rapazito, que não teria mais de oito annos. Ora a esperancosa e loira creatura ia de cigarro na bocca fumando com tanto aplomb, que longe de causar indignação fazia vontade de rir, porque o exaggero do vicio tem sempre um lado gracioso:

— Um bilhete do sol.  
— Prompto.  
— Quanto é?  
— Duzentos e quarenta réis.  
— Mas eu tenho 7 annos. Sou creança. Devo pagar meia entrada só.  
— As creanças não fumam, respondeu com ar triumphal o bilheteiro.

— Mas eu deito o cigarro fóra, disse com toda a seriedade e precoce fumista. — Tome lá 120 réis.

O bilheteiro recebeu os 120 réis, e desatou a rir; com elle riram os circumstantes.

**Guerra ao merinaque.** — Conta a *Revolução* que um mancebo da cidade de Dresden exigiu da sua noiva, antes de lhe dar a mão, uma renuncia formal ao merinaque em quanto fosse sua mulher, a qual foi assignada perante um tabellião.

Diz a «Gazeta de Bromberg» que em todas as villas e aldeias da Posnania a policia acaba de prohibir o uso de «crinoline» ás criadas de servir e ás parteras.

Em Lisboa calcula-se que por cada mil maridos novecentos se oppõem ao uso de merinaque; e o uso immoderado desses vaporosos balões, diz um moralista nosso conhecido, promove todos os annos na capital infidelidades conjugaes na razão de 30 por cento. Ha até praguejos que dizem que o merinaque contribui para a insalubridade das povoações!

**Pirataria.** — Lê-se no «Eco do Povo», jornal portugez que se publica em Hong-Kong o seguinte:

«A lorchta Centaur ficou tomada por piratas na semana passada. O capitão, mr. Whiteman, e um nosso patricio, o sr. Filomena de Senna, foram assassinados.

Dizem que esta lorchta não seria capturada se as outras duas (Palermo e Nina) que navegavam em sua companhia, não fugissem para Macau.

A canhoneira Snake, que foi despachada á cata dos piratas, voltou, passado tempo, sem haver os encontrado.

Os quatro piratas que foram presos a bordo do Iron Prince, e dez outros que accommetteram a um junco chinês, julgados na sessão criminal no dia 3 do corrente, foram sentenciados á morte, e deverão ser justicados durante a proxima semana.

Os dezeseite, que foram obsovidos no dia 4, vão ser julgados no dia 18 por uma nova accusação que apresentou contra elles o ministerio publico.

O irlandez, que assassinou os seus dois companheiros em Shanghai e que foi condemnado á forca pelo supremo tribunal de justiça, já está no outro mundo.»

## CORREIO

LISBOA 20 DE AGOSTO

(Do nosso correspondente.)

Os acontecimentos, que tiveram lugar no estabelecimento das minas do Braçal, sito no concelho de Sever do Vouga nesse districto d'Aveiro produziram no governo uma profunda impressão. E' lamentavel que nesta epoca, em que tanto se trabalha para a grande obra da civilização; neste paiz, que é constitucional ha tantos annos, venham similhantes successos attestar a ignorancia do povo, e a perversidade dos seus instigadores. Em presença de factos tão desgraçados, precursores talvez de outros não menos perigosos para a vida e propriedade dos cidadãos, cumpria ao governo tomar uma attitudie energica. Foi o que fez o nobre ministro do reino, ordenando immediatamente ao governador civil do districto de Aveiro com a mais viva recommendação, que proceda ás mais exactas averiguações para conhecer qual foi a causa verdadeira daquelles successos, e indague quem são os individuos, que se tornaram mais notaveis no tumulto, aquelles que o promoveram, e bem assim as autoridades, que deixaram de cumprir o seu dever, afim de os criminosos serem perseguidos com todo o rigor das leis; dando-se ao mesmo tempo um exemplo prompto e severo de castigo, que contenha em respeito e na obediencia devida ás leis os mal intencionados, esclarecendo os povos sobre os seus verdadeiros interesses, e prevenilos contra as suggestões dos que os illudem.

Admira-se muito a *Revolução de Setembro* de que estas resoluções não fossem tomados antes daquelles factos. Este curiosissimo órgão da opposição está como um celebre general providente, o qual propunha que os inspectores do fogo morassem ao pé dos incendios. Quando a *Revolução* estiver no poder (Deus nos livre de tal) ha de propôr que os criminosos sejam punidos antes de consumarem os crimes.

O nuncio de sua santidade nesta córte pediu ao governo autorisação para se fazer aqui uma loteria Italiana em beneficio do papa. Não sei qual seria a resolução do governo a tal respeito por que o requerimento do nuncio foi a informar ao procurador geral da corôa, intendendo porém que semelhante loteria não deve ser permitida aquella viria offender os interesses da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, e os do theatro Normal. E protestando o maior respeito pela pessoa de successor de S. Pedro, seja-me licito confessar que estes dois estabelecimentos não devem ser preferidos pela loteria em beneficio do papa. Um paiz catholico, por motivo da muita consideração devida ao summo pontifice, não deve conceber para essas agiotagens da igreja. Christo espulsou os vendilhões do templo.

Foi hontem remetido ao conselheiro procurador geral da corôa o contracto nupcial assignado em Turin entre o sr. D. Luiz I e a sr.<sup>a</sup> Princeza de Saboya, afim d'aquelle superior fiscal da lei interpôr sobre elle o seu parecer. Segundo me informam entre as condições do contracto existem as seguintes: — 1.<sup>o</sup> A dotação da Princeza de Saboya dada por este paiz será de 50:000\$000 réis annuaes; — 2.<sup>o</sup> A dotação da mesma Princeza dada pelo reino de Italia é de cem contos de réis aproximadamente. — 3.<sup>o</sup> Se a nossa futura Rainha enviuvar será posto á sua disposição um palacio real, esplendidamente adornado. — 4.<sup>o</sup> Se depois de viuva não quizer viver em Portugal receberá unicamente a sua dotação. — 5.<sup>o</sup> A garantia do cumprimento das condições do contracto é a dotação annual do sr. D. Luiz. — 6.<sup>o</sup> Se o nosso Rei enviuvar todos os bens da Princeza Maria Pia revertirão para a casa de Saboya.

— Parece que a esquadilha que vai buscar a Princeza á Italia, partirá de Lisboa para Genova no dia 15 do proximo mez de setembro, porque El-Rei Victor Manoel muito deseja que o casamento se effectue com a maior brevidade. As pessoas nomeadas por El-Rei para acompanharem a Portugal a nossa futura Rainha são os srs. Marquez de Loulé, duqueza da Terceira, D. Gabriel, irmão do sr. conde de Linhares, D. Maria das Dores, marquez e marqueza de Sousa Holsteins, conde de Linhares, conde do Valle de Reis, general Caulla, Magalhães Continho, medico, e Alvaro Frederico Martins, official do ministerio dos estrangeiros.

O cortejo nupcial saindo do pavilhão do terreiro do Paço, passará pelo arco triumphal daquelle praça, seguirá pela rua Augusta, Rocio, até o templo de S. Domingos, onde se effectuará a cerimonia; depois tomando pelo lado occidental do Rocio, seguirá pela rua do Ouro, Pelourinho até o paço d'Ajuda.

S. M. El-Rei acompanhado do sr. marquez de Ficalho, e seu ajudante Bravo, foi antes de hontem á tardinha visitar o arsenal da marinha, mostrando os maiores desejos de que a esquadilha, que tem de ir buscar a sua esposa, se aprompte com toda a brevidade.

Entrou hontem no Tejo a fragata hespanhola «Isabel II», que vem concorrer para o brilhantismo dos festejos reaes. Trocaram-se á sua entrada as salvas do estylo.

Parece que em duas das noites dos festejos do real consorcio serão queimados dois grandes fogos de vista em locais dos mais elevados da cidade, a fim de poderem ser gosados do maior numero de sitios.

Como disse ha tempo o sr. Arthur Reinard, mestre da musica dos marinheiros militares compoz uma marcha triumphal para ser tocada por occasião dos festejos, e durante a viagem para Lisboa, da joven princeza de Saboya. Intitula-se esta marcha — *Bragança e Saboya* — O senhor D. Luiz quiz ouvi-la, e a banda daquello corpo foi antes d'hontem ao meio dia executal-a no paço d'Ajuda, no salão contiguo ao do throno. — A marcha é d'um magnifico effeito, El-Rei dignou-se accoitar a dedicatória que della lhe fez o sr. Reinard; e dar a sua approvação á peça para ser tocada por todas as bandas regimentaes.

O pensamento da marcha é muito feliz. Abre com um cheio energico e brilhante; seguem-se depois as negociações diplomaticas, contentamento do rei de Italia, hymno da Sardenha, noticia do casamento dada em Portugal, hymno do senhor D. Luiz, entrada da princeza no Tejo, alegria geral, hymno da Carta.

Tenho a dar aos meus leitores uma noticia importantissima a respeito da nossa industria. A administração dos mattas enviou para a exposição universal de Londres uma excellente colleção de productos resinosos, que mereceu uma medalha de prata, depois de ter causado admiração ás pessoas competentes. Os mais notaveis industriaes estrangeiros declararam que são os productos resinosos mais limpidos, e melhores que se tem visto. Um empregado das nossas mattas que fóra mandado a varias terras industriaes para estudar o melhor fabrico daquelles productos, em vez de aprender, teve que ensinar, porque todos disseram serem os productos portuguezes fabricados d'um modo inimitavel até hoje. A nossa administração das mattas recebeu ha dias uma carta d'um dos principaes negociantes de Rotterdam, Hollanda, perguntando qual a quantidade de productos resinosos que se podem exportar deste paiz, porque os negociantes da Hollanda ficarão com toda a quantidade exportada, mandando para esse fim abrir um credito na praça de Londres. Desta cidade tambem se receberam cartas no mesmo sentido. Vejam como esta industria nascente entre nós se pode tornar n'uma grande fonte de riqueza publica. Os nossos recursos são grandes, assim elles fossem sempre bem aproveitados. Felizmente ha um

tempo a esta parte, que avangamos e muito no caminho da civilização e do progresso.

O jornal a «Nação» está actualmente querelado pelos abusos commettidos em seis numeros. Os crimes são: aconselhar a desobediencia ás autoridades constituídas; offender a pessoa do nosso rei, e a sua dynastia; e dirigir insultos a Victor Manoel, monarcha reconhecido por este paiz.

O batalhão de caçadores n.º 9 chegou antes d'hontem a Lisboa, passou para um vapor da Companhia «União Mercantil», e lá foi para os Açores com o mesmo commandante. Torno a afirmar que o sr. José Estevão não recebeu a carta do sr. José Paulino, como alguém diz.

O filho segundo do fallecido sr. D. Carlos de Mascarenhas, creança de 10 annos, estando antes de hontem a brincar no jardim do collegio, cahiu ao tanque e morreu afogado.

Ouvir dizer que o José Emygdio da Silva Cabral, filho do sr. conselheiro José Bernardo da Silva Cabral, casa com a sr.<sup>a</sup> duqueza de Palmella.

Effectuou-se o exame do concurso para o logar de primeiro official da secretaria d'estado dos negocios do reino. As questões propostas para as dissertações dos concorrentes foram as seguintes:

«Quaes são os caracteres que distinguem os negocios contenciosos de administração, dos de jurisdicção graciosa, segundo os principios geraes de direito administrativo, e segundo as nossas leis? — 2.<sup>o</sup> Qual é a organização actual do serviço dos expostos? Conviã conservar as rodas ou supprimi-las, ou augmentar, ou diminuir o seu numero? Satisfaz o systema actual aos interesses da sociedade, ou conviã modificá-lo? Como?»

Um dos concorrentes, o sr. Guilhermino de Barros, excedeu a hora marcada, levando a escrever a sua dissertação até ás 6 da tarde; por este motivo querem os outros oppositores que o sr. Guilhermino fique fóra do combate.

A commissão encarregada de estudar o nosso serviço dos expostos já se tem remido por mais de uma vez; officiou a varias autoridades para colher dados estatisticos, e já sei que a sua proposta não será para a extincção das rodas, como hoje querem os mais illustres utopistas.

Falla-se em Lisboa em uma parte telegraphica estrangeira, que não vem nos jornaes. E' a seguinte: A França, Inglaterra, Russia e Prussia mandaram uma nota colectiva ao Vaticano, estranhando o comportamento da córte de Roma na questão que se agita, pedindo concessões para os italianos, porisso que o comportamento do Papa pode comprometter o principio dynastico.

O sr. Joaquim Antonio d'Aguiar pediu a sua aposentação de conselheiro do supremo tribunal de justiça.

Na proxima semana devem ser distribuidos os habitos para recompensar os serviços prestados durante a febre amarella.

Tem estado perigosamente doente o sr. Alves Martins.

Nos operarias da linha de ferro de leste nas proximidades de Santarem tem graçado muitas sezões. Dizem-me que de 2000 trabalhadores ficaram trabalhando cincuenta.

Foram suspensas até nova ordem as conferencias que o sr. ministro da marinha dava ás quartas feiras aos deputados do Ultramar; e bem assim as audiencias aos sabbados.

Est ánovamente a concurso a adjudicação da empreza do theatro de S. João do Porto.

Foram avisados para comparecerem no governo civil os mendigos que andam com creanças esmolando ali por essas ruas da córte. O fim deste aviso é recolher as creanças nos asylos, livrando-as da prostituição.

A Associação Commercial de Lisboa reuniu antes de hontem para tratar definitivamente dos festejos com que aquella corporação hade solemnizar o casamento de El-Rei.

A folha official publicou já a nomeação dos amanuenses para os logares do ministerio do reino.

O sr. Antonio Augusto de Mello e Castro de Abreu, moço fidalgo da casa real, filho do fallecido conselheiro d'estado José de Mello e Castro de Abreu, foi agraciado com o titulo de visconde de Santa Eulalia.

O sr. Antonio Manoel da Fonseca foi agraciado com a carta de conselho.

Foram mandados admitir á circulação na provincia de Moçambique moedas de ouro francezas de 5, 10, e 20 francos, pelos valores de 860 rs. 1720 rs.; e 3440 rs.

O districto d'Ambracia na provincia d'Angola foi constituído em julgado.

Os Carmonas, aquelles graciosos e intrepidos bandarilheiros, que tão festejados tem sido em Lisboa em varias epocas, tiveram um completo triumpho nas duas toiradas de Paço d'Arcos. Mais de trez mil pessoas assistiram a cada uma das corridas. El Gordito esteve delicioso: farpeou sentado e de joelhos, brincou com os bois, que eram bravissimos, como quem brinca com um gato. Dois toiros saltadores galgaram as trincheiras e cahiram no meio do povo do lado do sol; porém aquella gente não é como a de Lisboa; agarrou o toiro e pol-o na praça.

No dia 8 do proximo mez teremos a granderegata em Paço d'Arcos, festa nova e esplendida, que atrahê aquelle sitio a mais escolhida concorrência.

## COMMERCIO

Mercado de Aveiro, em 25 de Agosto de 1862

Trigo. por alqueire . . . . . 820

Milho da terra . . . . . 560

Dito do norte.	—
Farinha de milho . . . . .	680
Feijão branco . . . . .	560
Dito encarnado . . . . .	460
Dito frade amarello . . . . .	380
Centeio . . . . .	560
Cevada . . . . .	300
Batata . . . . .	240
Azeite . . . . . almude . . . . .	4:200
Sal . . . . . moio de razas . . . . .	3:000
Vinho . . . . . almude . . . . .	2:400

## MOVIMENTO DA BARRA Aveiro 22 d'agosto Entradas

PORTO—Rasca port. «Moreira», m. L. Henriques, 10 pes. de trip., vazia.	
IDEM—Hiate port. «Nascimento Feliz», m. J. P. de Campos, 8 pes. de trip., cortica.	
LONDRES—Escuna ingleza «Charlot», cap. J. Dew, 5 pes. de trip., cimento, á empreza Salamanea.	
Em 23	
PORTO—Hiate port. «E' Segredo», m. A. N. Ramizote, 8 pes. de trip., ferro á empreza Salamanea.	
IDEM—Rasca port. «Conceição Estrella», m. J. da S. Marçal, 8 pes. de trip., ferro á empreza Salamanea.	
Em 24	
PORTO—Hiate port. «Nova União», m. J. F. Manno, 6 pes. de trip., vazia	

## ANNUNCIOS

Quem quizer comprar uma porção grande de pipas de carvalho de Amburgo, ou em porções pequenas, dirija-se a Antonio José de Sousa, na rua da Arrochella, n'esta cidade, que está encarregado de as vender. 1 D

## QUADROS D'ALMA

### A MULHER ATRAVEZ DOS SECULOS

Por **Porphyrio José Pereira**  
Um volume em 8.<sup>o</sup> grande, br. com o retrato do auctor. — Acha-se á venda em Lisboa, na typographia Universal, rua dos Calafates n.º 110, e nas lojas do costume. — Preço 800 rs.

Para as Provincias e Ilhas será remettido franco de porte a quem enviar a sua importancia por meio de vale do correio, ou em estampilhas, ao editor José Maria Correia de Seabra. — Em Lisboa.

## A VERDADE

DO **CHRISTIANISMO E SUA INFLUENCIA;** por Carlos M. de Almeida, um folheto em 8.<sup>o</sup> gr. br. — Acha-se á venda em Lisboa, nas principaes lojas de livros. — Preço 200 rs.

Para as Provincias e Ilhas, será remettido franco de porte, a quem enviar a sua importancia por vale do correio, ou em estampilhas a C. M. Pinto de Almeida. — Lisboa. — Typographia Universal, rua dos Calafates n.º 110.

## COLLECCÃO

DE **Poesias publicadas e inéditas** á morte do chorado monarcha **O SENHOR D. PEDRO V.** Publicadas por **Francisco José da Cunha**  
Este folheto acha-se á venda na loja do encadernador José Maria Saraiva, na rua Direita em Aveiro. — Preço 100 réis.

## THEATRO DOS ARTISTAS

Terça-feira 26 do corrente  
**Em beneficio do actor José Maria Santa Barbara**

A companhia dramatica lisbonense sob a direcção dos actores Macedo e Mendes Leal (Antonio), levará á scena o seguinte espectáculo:

A **BATALHA DAS DAMAS** — Comedia em trez actos.

O **PAVILHÃO NEGRO** — Poesia á perda da barca «Charles e George», original do sr. Mendes Leal Junior, recitada pelo sr. Mendes Leal (Antonio).

A **MULHER DE DOIS MARIDOS** — Comedia em um acto.  
Principiará ás 8 horas e meia.

### Quinta-feira 28 do corrente.

Em beneficio de Mendes Leal (Antonio)  
A mesma sociedade lisbonense levará á scena o seguinte espectáculo:

O **VISCONDE DE LETHORIERES** — Comedia em trez actos, traducção do Beneficiado.

O **PREGO** — Poesia-comica recitada pelo beneficiado.

A **CORDA SENSIVEL** — (A pedido) — Comedia em um acto ornada de muzica, versão do beneficiado.

Os bilhetes acham-se á venda no escriptorio da Companhia debaixo dos Arcos n.º 17.

RESPONSAVEL:—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.